

COSCARELLI, C. V. Educação a Distância: mitos e verdades. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, jan. / fev., 2002, p.54-59.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: MITOS E VERDADES

Será apresentado um relato de experiência de ensino a distância, comparando as semelhanças e diferenças entre ele e o ensino presencial no que diz respeito ao comportamento do professor e dos alunos. Serão discutidas também expectativas, algumas realistas, outras nem tanto, em relação ao ensino a distância.

COSCARELLI, C. V. Educação a Distância: mitos e verdades. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, jan. / fev., 2002, p.54-59.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: MITOS E VERDADES¹

Carla Viana COSCARELLI

FALE/UFMG

O sucesso das novas tecnologias como recurso educacional depende do uso que se fizer dela. A revolução não virá da máquina, mas das concepções e das práticas que ela pode viabilizar. Sendo assim, para que a informática transforme a prática pedagógica é preciso que os educadores que vão usar esse equipamento tenham em mente uma nova escola, caso contrário, a informática vai apenas repetir as práticas tradicionais de ensino-aprendizagem.

Vamos focalizar neste texto o ensino a distância, que, com o advento da Internet, tem prometido ser uma ótima opção para a disseminação do saber, seja ele acadêmico ou não.

A **educação a distância não é novidade**, pelo contrário, existe desde a implantação e funcionamento regular das agências de correios (ou talvez até mesmo antes disso!).

Há muito tempo que a distância não é obstáculo para o homem. Aviões, carros, trens e o correio há muito tempo diminuíram às distâncias. Vejamos, por exemplo, o caso do Xadrez. Há anos existe o xadrez postal, com campeonatos, hanking, etc. e nem a distância nem o tempo de que o correio necessitam para a entrega das cartas impediram o sucesso dessa modalidade do jogo.

Assim como aconteceu no xadrez, aconteceu com o ensino a distância. Durante muitos anos o Instituto Brasileiro Universal promoveu cursos por correspondência e vários foram um grande sucesso. Muita gente aprendeu muito com eles (ainda hoje o SESC realiza cursos por correspondência que estão hoje se transformando em ensino a distância).

¹ COSCARELLI, C. V. Mitos e Verdades da Educação a Distância. www.cei.inf.br, nov/2000.

Mas nem todos aprendem ou aprenderam com cursos desse tipo e a expressão “curso por correspondência” ganhou uma conotação pejorativa, que para muitos casos é injusta.

Onde quero chegar ?

- 1) Porque muitos cursos por correspondência não deram certo?
- 2) Porque muita gente não aprende com cursos por correspondência?
- 3) Como a Internet entra nessa conversa? O que mudou? O que vai acontecer?

Se considerarmos nosso sistema educacional convencional, podemos constatar que muita coisa não dá certo. O insucesso da escola (presencial), apesar de ela ser obrigatória até o ensino médio, pode ser constatado no alto índices de evasão. Muita gente sai da escola com a sensação de que não aprendeu nada (não sei até que ponto justa). Muitos alunos chegam ao curso superior, de Letras inclusive, certos de que não sabem português. Têm dificuldade tanto na leitura quanto na escrita de textos. Muita gente sai da escola sem nunca mais querer ouvir falar em matemática, física e química. Biologia é grego para muita gente e informações básicas de história e geografia não são conhecidos por muitos que saem do ensino médio. Isso é ser bem sucedido?

Muita gente ganhou e ainda ganha a vida com o que aprendeu em cursos por correspondência de eletrônica, culinária, música, etc. Muita gente melhorou sua qualidade de vida aprendendo um hobby em um curso a distância. Então quem disse que não funciona? Porque o nome ‘curso por correspondência’ é pejorativo?

Se o ensino a distância pelo computador não for muito bem pensado e estruturado, não estará fadado também a ser um conceito negativo? Acredito no potencial das novas tecnologias e temo que desperdicemos esse potencial fazendo atividades tradicionais de repetição, cópiação, etc., ou seja, atividades que refletem uma concepção behaviorista de aprendizagem, em vez de aproveitar esse potencial para colocar em prática uma abordagem construcionista da aprendizagem, em que o aprendiz é o centro do processo de

aprendizagem, em que a autonomia² da aprendizagem seja estimulada e que vise a desenvolver habilidades cognitivas associadas às diversas áreas do conhecimento.

Um curso a distância exige do aprendiz entre outras coisas, muita disciplina e autonomia de aprendizagem, mas somos acostumados a um sistema escolar ditatorial, autoritário em que as iniciativas individuais não são valorizadas e em que a autonomia não é desenvolvida nem apreciada. Todos têm de aprender a mesma coisa, ou seja, o que o professor quer, na hora que ele planejou e como ele acha melhor. Não são raros os alunos que vão mal na escola, mas fora dela se aprofundam em um assunto que passam a dominar cada dia melhor e isso não é valorizado nem reconhecido pela escola.

Há alguns **equivocos** que são comuns em relação ao ensino a distância, talvez em função das propagandas feitas para divulgar esse veículo de ensino/aprendizagem. Muitas pessoas acreditam que a distância vão aprender rapidamente, que tudo vai ser fácil, que não vão gastar tempo e, já nas primeiras dificuldades, abandonam o curso. Quando percebem que vão ter de dedicar algumas horas de suas vidas àquela atividade, desistem.

Outro equivoco é que algumas instituições acham que com a educação a distância vão fazer fortunas, pois em vez de pagarem um professor para cada grupo de aproximadamente 35 alunos, vão pagar um professor para mais de duzentos alunos. Não acredito que esse seja o caminho da mina. Educação a distância não pode ser confundida com produção em série. Um curso a distância para muitos alunos só é viável se for feito com base em tarefas do tipo Instrução Programada, muito usada entre os anos 60 e 70, ou exercícios de acerto e erro (*ambos normalmente muito chatos e desmotivantes*). É praticamente impossível dar alguma assistência personalizada ou usar a dúvida dos alunos

² Entende-se autonomia da aprendizagem como: independência, exercício ativo da responsabilidade de aprender, capacidade de aprender. “Autonomia não é sinônimo de aprendizagem solitária, de auto-instrução, de autodidatismo; ela não implica em abdicação de responsabilidade por parte do professor; não é um novo método de ensino, não é um comportamento uniforme facilmente descrito; não é um estado definitivo provocado no aprendiz. [...] É essencialmente a relação psicológica que o aprendiz tem com o processo e o conteúdo da aprendizagem. É a centralização do processo pedagógico sobre o aprendiz enquanto sujeito de sua própria formação [...] Não se deve ficar surpreso se certos aprendizes oferecerem resistência à aprendizagem autônoma. A autonomia implica em um desafio constante às nossas crenças, o que pode ser desestabilizador; mas serão sempre os alunos autônomos que farão melhor a transição entre a aprendizagem e a utilização da linguagem.” (Little, 1990, apud Grandcolas, 1993)

COSCARELLI, C. V. Educação a Distância: mitos e verdades. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, jan. / fev., 2002, p.54-59.

como ponto de partida para discussões e mesmo fazer discussões com um grupo tão grande. Não acredito que o computador vá substituir o professor, nem tenho medo de que isso aconteça. Mas acho que a economia que a Internet pode proporcionar não é (ou não deveria ser) de professor.

Educação a distância não deveria ser confundida com educação em massa (série). Simplesmente mandar a tarefa e enviar uma chave de respostas, como numa instrução programada é uma maneira de fazer um curso a distância e, inclusive, permite que se trabalhe com grupos muito grandes de alunos, numa verdadeira produção em massa. Mas trabalhando com um grupo muito grande, como motivar os alunos? Como valorizar a participação deles? Como dar um feedback que ajude o aluno a resolver suas dúvidas e, conseqüentemente, faça com que ele aprenda? Como saber se ele está sendo capaz de aplicar adequadamente a teoria na prática? Em suma, essa não me parece a maneira ideal de se fazer um curso a distância. Vai-se ganhar dinheiro, no entanto, a qualidade do ensino dificilmente será boa.

Não sou contra turmas grandes (*nem tão pouco contra o lucro*), contanto que se dê atenção, não necessariamente personalizada, aos alunos. Para isso é preciso que se monte uma estrutura capaz de perceber e atender às necessidades da grande maioria dos alunos e, preferencialmente, de todos eles.

É preciso lembrar também que **o computador não faz milagres**. Não é porque está usando a mais moderna das tecnologias que o aluno vai aprender mais e melhor. Se a concepção de aprendizagem por traz da tecnologia for ultrapassada, conteudista, alicerçada na ‘decoreba’, não acredito que a tecnologia vá mudar alguma coisa. Se os cursos a distância se mostrarem irrelevantes, desmotivantes, ineficientes, a educação a distância mais uma vez está fadada ao fracasso.

Essa visão do computador como uma máquina milagrosa é facilmente encontrada nas propagandas de sites de Bancos, supermercados, entre outros serviços prestados via Internet. Prometem-se sempre facilidades, conforto, democratização, etc. e acima de tudo, que o usuário terá mais tempo para o lazer. Isso não é completamente uma mentira, porque

COSCARELLI, C. V. Educação a Distância: mitos e verdades. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, jan. / fev., 2002, p.54-59.

há o conforto de não se sair de casa, de não enfrentar filas, etc., mas gasta-se tempo (*e às vezes muito*) para fazer compras em um site; e o acesso à Internet ainda não é nada democrático, muito pelo contrário.

A novidade introduzida pela Internet é a rapidez na troca de mensagens. O que demorava semanas para ir de um lugar a outro, hoje não gasta mais que alguns minutos. A demora dos correios tradicionais tornava a comunicação lenta e era um fator desmotivante, sendo, por conseguinte, um fator que pesava contra a escolha do curso a distância. Este é, sem dúvida, um dos fatores que muito pesaram para que apenas alguns poucos cursos por correspondência se tornassem um sucesso.

Apesar da agilidade de comunicação que a Internet possibilita, **a educação a distância não é educação para quem não tem tempo**. Cursos a distância não poupam tempo do professor e exigem tempo e dedicação também por parte do aluno.

A Internet agiliza, mas o índice de desistência é grande pela falta de disciplina, pela ilusão de que se aprenderia sem fazer esforço e sem gastar tempo e às vezes pela própria dinâmica dos cursos. Existe ainda o fator novidade, muita gente experimenta para ver como funciona e depois que viu, sai, abandona (é mais fácil sair de uma situação em que ninguém está te vendo, ninguém conhece o seu rosto, ninguém sabe quem você é).

O índice de evasão nos cursos a distância costuma ser alto (em média 50%). E um contato ‘direto’, e sempre que possível pessoal (não necessariamente presencial), com o aluno é importante. Perguntar por que ele não fez a lição ou responder a uma dúvida do aluno ajuda a manter a motivação, o aluno sente que sua participação é entendida como uma contribuição para o curso. No fundo, todo mundo é carente e quer atenção. Os alunos gostam de uma atenção especial e isso ajuda a manter a participação deles nos cursos.

Num curso a distância o professor gasta muito tempo para preparar o material, pois tem de colocar no papel, ou melhor, na tela, tudo que iria falar. Além de preparar material, propor questões e explicações para as questões, o professor tem de enviar mensagens para seus alunos, cobrar a participação dos que não estão participando, ler todas as mensagens que recebe e, de alguma forma, respondê-las. Em suma, o curso a distância dá ao professor,

COSCARELLI, C. V. Educação a Distância: mitos e verdades. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, jan. / fev., 2002, p.54-59.

no mínimo, tanto trabalho – quanto o curso presencial. O lado bom é que no curso presencial o aluno pode ficar ‘voando’ na sala de aula, mas no curso a distância a participação dele é obrigatoriamente ativa. E isso torna o curso muito interessante para todos. O curso a distância depende muito da participação do aluno e não só das atividades propostas pelo professor.

Outro fator que ajuda a manter a motivação e a participação do aluno, e conseqüentemente diminui o índice de evasão, é o trabalho colaborativo, ou seja, atividades que fazem com que os alunos entrem em contato com os outros são muito bem aceitas, pois **educação a distância não significa necessariamente educação solitária**. Atividades em duplas, pequenos grupos bem como discussões em que todo o grupo participa costumam ser altamente motivantes e produtivas.

No caso do nosso curso – Redigir: curso de produção de texto – procuramos sempre encorajar o diálogo entre os alunos e criar situações em que haja a necessidade de comunicação entre eles. Procuramos fazer com que os alunos se envolvam com as atividades e sejam responsáveis pelo sucesso dela. Por exemplo, numa das lições os alunos lêem um texto de Rubem Braga em que a personagem diz que gostaria de ter uma casa escura com paredes sólidas, pois a casa para ele deveria ser uma preparação para o segredo maior do túmulo (para a morte). Depois da leitura, eles respondem a algumas perguntas que visam ajudá-los a compreender melhor o texto e a perceber os recursos lingüísticos usados pelo autor, e têm como tarefa vender uma casa moderna para a personagem, ou seja, convencer a personagem a comprar uma casa completamente diferente da que ele defendeu que queria no texto. Cada aluno vai mandar seu texto para todos os colegas que, por sua vez, vão assumir o papel da personagem e vão dizer para o professor qual foi o vendedor que o convenceu a comprar a casa moderna. O vendedor mais bem sucedido, ou seja, aquele que convenceu mais colegas a comprar a casa) tem seu nome e seu texto divulgados e ganha um prêmio surpresa – geralmente um presente virtual - e os demais ganham um prêmio pela participação, que costuma ser um agradecimento num cartão virtual.

COSCARELLI, C. V. Educação a Distância: mitos e verdades. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, jan. / fev., 2002, p.54-59.

Parece uma grande brincadeira, mas dessa forma os alunos lêem, escrevem, desenvolvem a retórica (capacidade de argumentação) e ficam presos ao curso, como numa novela, querendo sempre saber o que vai acontecer depois.

É bom saber que as distâncias diminuíram, que as pessoas podem ter mais acesso ao saber. Cabe agora, aos professores aproveitarem essa oportunidade e não deixar que ela passe ilesa como aconteceu com o rádio, o vídeo, a televisão nem tanto e o computador, espero, de jeito nenhum.

Referências bibliográficas

GRANDCOLAS, Bernadette. L'autonomie dans le quotidien de la classe. *Langues modernes: l'autonomie*. n. 1, 1993, p. 9-21.